



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST11 – Sociologia das Emoções

Gênero, Emoções e Produção Cultural: Uma Análise da Autoajuda Brasileira

CASTRO, Talita

Mestre em Antropologia Social,

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

talitapcastro@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão sobre as formas através das quais os marcadores sociais da diferença de gênero e de idade flexionam construções sócio emocionais em livros de autoajuda brasileiros. Tomo especificamente a produção de meados da década de 1990, quando este mercado editorial ganhou significativa popularidade no país, tornando-se um dos principais responsáveis pela consolidação das imagens do *lobo* e da *loba* para caracterização de pessoas vivenciando a chamada crise da meia-idade. O esforço é pela apreensão das alterações que tais marcadores trazem para a configuração da meia-idade nesta de produção cultural: tratando aparentemente da mesma etapa da vida, os livros reproduzem diferenças e desigualdades a respeito das experiências sociais e emocionais de homens e mulheres. Com base na antropologia e sociologia das emoções e na produção sobre curso da vida, abordo as diferenças existentes nessa produção cultural entre as imagens do homem frágil e infantilizado e da mulher poderosa e responsável, que continua a seduzir a despeito das transformações físicas que marcam o período. Além destas, cabe também destacar os procedimentos de construção das figuras do *lobo* e da *loba*, entre jovens apresentados como fúteis e inocentes e velhos sem corpo e perspectivas. A crise da meia-idade surge, portanto, como resultado da tendência de prolongamento da vida adulta e posituação do envelhecimento que cria desigualdades entre aqueles que podem ou não vivenciá-lo desta forma.

Abstract

This paper aims to present a discussion about the ways in which gender and age produce social emotional features in Brazilian self-help books. Based in the mid-1990s literature, when this publishing industry became popular in Brazil and helped to consolidate the images of the female and male *wolfs* as important meanings for the so called midlife crises. The effort is to understand the changes that these markers bring to this cultural production of life course: considering apparently the same stage of life, the books reproduce differences and inequalities about social and emotional experiences of men and women. From the theoretical framework of sociology of emotions and care, and the generation discussions, I analyze the differences between the images of the frail and childish man and the powerful and responsible woman that continues to seduce despite the physical changes that mark the period. Besides there, it should also be outlined the procedures for construction of the futile and innocent youth and of the old age, without body or prospects. The midlife crisis arises, therefore, as a result of an adulthood extension and positive affirmation of aging that creates inequalities between those who may and those who may not experience it that way.

Palavras-chave: autoajuda; curso da vida; gênero; Brasil
Keywords: self-help; life course; gender; Brazil

PAP1343

Gênero, Emoções e Produção Cultural: Uma Análise da Autoajuda Brasileira

1.1 Introdução

“... uma mulher de meia-idade tem recursos que sua razão desconhece...” (Lemos, 1996, p. 311)

A epígrafe acima está no final de *Quarenta: A idade da Loba*, publicado pela jornalista Regina Lemos em 1994. Seu sucesso no Brasil ajudou popularizar a expressão como significado possível para experiências da meia-idade. Marcadas por inflexões de gênero, a *idade do lobo* e *da loba*, descritas como crises, carregam um potencial reflexivo e de transformações na vida.

Proponho iluminá-las por uma bibliografia contemporânea sobre o marcador geracional e como sinal de processos relativamente recentes de complexificação e prolongamento da vida adulta (Debert, 1999a, p. 62; Debert, 2010) e negação da velhice (Debert, 1999a, p. 227). Antes de passar à descrição etnográfica das categorias, assim como elas aparecem no material analisadoⁱ, recupero alguns momentos deste debate acadêmico.

1.2 Curso da Vida na Contemporaneidade.

A periodização da vida interessa às ciências sociais pois diz respeito a processos de reprodução social e investimentos simbólicos em dados biológicos pretensamente universais (Debert, 1998, p. 7). Pensar idade como construto sócio-histórico-cultural implica tomá-la como importante operador para a produção de classificações sociais. Trata-se de suspender e relativizar as fronteiras etárias e geracionais para compreendê-las por meio de pressupostos imanentemente comparativos, como criações arbitrárias e particulares.

Ana Bassit discorre sobre a recente emergência do conceito de curso da vida, apontando que a compreensão das formas de periodização da vida depende de um olhar para o passado. Bassit aciona tipos ideais de sociabilidade – sociedades tradicionais, modernas e pós-modernas (Bassit, 2000, p. 220)ⁱⁱ –, e os toma como índices de diferenciação social: de um contexto marcado por repetições, ao qual a perspectiva do ciclo de vida melhor se adequaria, para um incremento em processos de individuação, que passam pela construção da idade cronológica como determinante social (Debert, 1999a, p. 47).

A auto-identidade constitui para nós uma trajetória através das diferentes situações institucionais da modernidade por toda a duração do que se costumava chamar de ‘ciclo de vida’, um termo que se aplica com maior precisão a contextos não-modernos que aos modernos. Cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida. A modernidade é uma ordem pós-tradicional em que a pergunta ‘como devo viver?’ tem tanto que ser respondida em decisões cotidianas sobre como comportar-se, o que vestir e o que comer – e muitas outras coisas – quanto ser interpretada no desdobrar temporal da auto-identidade (Giddens, 2002, p. 20 – 21).

Ao passo em que instituições modernas se caracterizam pela criação e acentuação de diferenças etárias – crianças e adultos, jovens e velhos –, a perspectiva pós-moderna tende à dissociação entre idade cronológica e estilos e/ou comportamentos. Debert salienta a emergência da juventude como valor, “um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas” (Debert, 1999a, p. 21). A autora relativiza criticamente a questão: a idade cronológica não é descartada no contexto pós-moderno por seu potencial significante. Estado e mercado não deixam de elegê-la como determinante para a constituição de novos atores e se torna também imprescindível para a caracterização de processos específicos de negação da velhice para os quais volto minha atenção. A investigação de instituições, saberes e práticas sociais complexifica a compreensão das formas pelas quais as experiências sociais são organizadas por meio de marcadores como idade e gênero.

Essa motivação revelou, por exemplo, como a gerontologia, forte centro produtor de representações sobre o envelhecimento no Brasil atual, também opera com princípios de construcionismo simbólico em oposição a determinismos biológicos. Segundo Debert, este campo de conhecimentos se estabelece como saber legítimo

a partir da criação de um objeto de reflexão e intervenção que depende de ressignificações em relação a imagens depreciativas de velhice, fortemente marcadas pela decadência do corpo e de suas habilidades cognitivas. O idoso da gerontologia – e de diversos programas sociais e políticas públicas – parece se construir na inversão de valores negativos, com a exaltação das possibilidades de uma vida gratificante, saudável e produtiva para os mais velhos (Debert, 1999a, p. 61; Debert, 2004; Featherstone & Hepworth, 2000, p. 112).

Se o curso da vida na pós-modernidade é interpretado como processo crescentemente individualizado e reflexivo, é porque a sensação é de que as coisas dependem cada vez mais apenas dos indivíduos e da sua capacidade de escolha (Giddens, 2002, p. 79). Ser e/ou sentir-se velho parece estar cada vez menos condicionado à data de nascimento e doenças e declínio físico não se colocam mais como prerrogativa da idade avançada, mas sim como consequência de determinados comportamentos, da atitude da pessoa perante a vida. São possibilidades que ameaçam qualquer momento da vida, quase como resultantes apenas de uma postura auto-negligente (Debert, 1999a, p. 66).

É nesse sentido que o caráter empoderante do curso da vida pós-moderno carrega uma dimensão perversa. Se o envelhecimento não é mais visto como destino inescapável, ele é tomado cada vez mais como responsabilidade individual. A revisão de alguns estereótipos se converte na produção de outros, talvez mais cruéis, na medida em que oportunidades para a vivência de experiências mais gratificantes de envelhecimento – estilos de vida, tecnologias para rejuvenescimento, mercados de consumo – não estão distribuídas igualmente na sociedade.

A sociedade brasileira é hoje muito mais sensível e tem aberto espaços para que experiências inovadoras de envelhecimento possam ser vividas. O sucesso dessas experiências não pode dissolver os dramas da velhice no descuido de alguns que foram impossibilitados de experimentar esses novos espaços, adotando estilos de vida e formas de consumo adequadas. No curso da vida pós-moderno, especialmente quando está em jogo a velhice avançada, estão envolvidos processos de acirramento de hierarquias e a criação de novos padrões de desigualdades e intolerância (Debert, 1999b, p.82).

A valorização da diversidade de experiências possíveis se traduz como desigualdadeⁱⁱⁱ, e as pesquisas de Debert alertam para os limites de uma postura radicalmente construcionista, como aquela dos saberes contemporâneos da gerontologia.

Para Featherstone & Hepworth, as tecnologias contemporâneas possibilitam o prolongamento da vida e podem ser acompanhadas do medo da velhice (Featherstone & Hepworth, 2000, p. 111). Novas etapas são criadas e diferentes imagens e discursos expressam a vida adulta cada vez mais nuançada (Debert, 1999a, p. 63). Quando Lemos diz que a mulher na meia-idade não conhece seus recursos, se refere a uma vida adulta que se distancia de sentidos associados ao declínio para tratar de descobertas, novidades e recomeços. A *loba* tem diante de si aquilo que antes, talvez, só era desfrutado por jovens. A meia-idade figura como um momento da vida adulta cujos significados podem ser interpretados à luz das possibilidades proporcionadas pela relativa abertura do curso da vida na pós-modernidade. Abordo a seguinte emergência dos termos *lobo* e *loba*, que se popularizaram no Brasil na década de 1990 como significados possíveis para esse período da vida.

1.3 Lobos e lobas.

A expressão *homem na idade do lobo* é cunhada no cenário brasileiro por Elyseu Mardegan, em seu primeiro livro, homônimo, de 1993. O livro é fruto da sua pesquisa de mestrado, desenvolvida na Pós-Graduação em Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, grande universidade privada de São Paulo. Mardegan estudou a chamada crise da meia-idade que afetava empresários e profissionais liberais por volta de quarenta, cinquenta anos de idade. A expressão não constava nos originais do trabalho: foi sugestão de uma agente da editora que, após a cerimônia de defesa acadêmica do texto, o convidou a transformá-lo em livro de grande circulação. Segundo o autor, trata-se de imagem forte para se referir às transformações no comportamento daquele que enfrenta tensões típicas da meia-idade:

Porque [sic] Lobo? Basicamente, a associação com o lobo se deve ao fato de que este é um animal vigoroso, veloz e resistente, quando jovem. Anda e caça em conjunto sempre durante toda a noite, mas ao envelhecer, abandona a alcatéia e torna-se solitário. A esta altura, quando sai à caça, o lobo solitário costuma soltar um uivo peculiar, meio lamento, meio ladrido, que produz calafrios em quem ouve. A comparação, portanto, se resume apenas no fato de que ambos mudam seu comportamento a partir de certa idade, momento este totalmente imprevisível (Mardegan, 1997, p. 20).

Em 1994, Lemos publica *Quarenta: A Idade da Loba*. Ela contava quarenta e cinco anos de idade e diz que esse trabalho, fruto da crise da meia-idade que atravessava, fora esteio decisivo para que esta se dissipasse: “e foi uma solução típica da meia-idade através da criação, da realização” (Lemos, 1996, p. 315). O livro reúne noventa e sete entrevistas de mulheres sobre a chamada crise da meia-idade e os depoimentos são intercalados por comentários da autora sobre as falas, dados demográficos, pesquisas científicas, filmes e livros que tratam das questões que seriam próprias à experiência dessas mulheres, e o seu relato encerra o trabalho. São estas algumas das palavras da sua Apresentação:

Os depoimentos dessas 96 mulheres, e o meu próprio, que é o 97º, apresentam 97 maneiras de viver a crise da meia-idade e todas as questões relacionadas – o mito da beleza jovem, cuidados com o corpo, com a saúde, sim ou não à plástica, hormônios, maternidade, espiritualidade, as perdas, o estigma da velhice e o medo da morte, sexo e sedução –, sem conselhos nem fórmulas, mas em toda a sua diversidade e originalidade. Todos eles juntos desenharam um panorama da história feminina de vanguarda no Brasil, mostrando as muitas possíveis origens, a formação e a experiência dessas mulheres que estão hoje influenciando a cultura e formando novas gerações (Lemos, 1996, p. 22).

Os dois títulos foram sucesso de vendas no país. Segundo seu autor, *A Idade do Lobo* vendeu mais de duzentos mil exemplares e o livro de Lemos passou das quinze edições. Impulsionado pelos números de vendagem, Mardegan publicou segundo volume sobre o assunto, em 1997. Diferentemente do primeiro livro que, ligado ao seu trabalho acadêmico, trata mais de questões profissionais, *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo* dá atenção especial às relações afetivas do homem de meia-idade. E isso tem uma razão de ser. Uma das motivações para a empreitada fora a quantidade de relatos que o autor recebeu, por cartas, de familiares e amigos de homens em crise. Em entrevista, o autor me relatou que a maioria das manifestações vinha de esposas, narrando experiências e situações que ele havia esboçado no primeiro livro:

Na tese eu tive que ficar um pouco mais limitado às referências bibliográficas. No livro, além de transformar numa linguagem coloquial, eu pus algumas coisas que eu achava. Então no livro eu fiquei mais livre pra colocar coisas que eu achava que aconteciam, mas eu não tinha provas científicas. E foi a grande dificuldade de fazer a tese. E aí eu percebi que muitas coisas que eu tinha colocado no livro que eram um pouco achômetro estavam sendo confirmadas pelas experiências que as pessoas estavam contando. Então, falei ‘pô, tô no caminho, o caminho é esse mesmo’.

São as vozes destas esposas que personificam os *insights* do autor e que lhe deram provas, como ele me disse, da real existência da chamada crise da meia-idade masculina. Cito outro trecho da entrevista:

Porque também se questionava muito ainda, naquele momento. Eu acompanhei durante alguns anos, agora não acompanho tanto. Havia naquele momento um pouco de dúvida se a crise da meia-idade era uma coisa real ou não, no homem. Na mulher, sempre aquela história da menopausa, da diminuição dos hormônios. No homem, a diminuição do hormônio não é tão crítica. Agora já parece que sim, mas aí, numa idade mais avançada, tipo aos setenta anos. Então tinha essa discussão se a crise era real ou não. E as experiências e as cartas, foram me contando essas coisas, dizendo “olha...” Coisas que eu tinha imaginado que podiam estar acontecendo estavam sendo reportadas como real, como cartas de pessoas que viveram...

A expressão ganha corpo em produtos culturais próximos e é atravessada por fortes inflexões de gênero que marcam distintamente os significados que ela expressa para a experiência da meia-idade. É, portanto, na ação entre dois marcadores sociais da diferença, gênero e curso da vida, que as imagens do *lobo* e da *loba* erigem-se como símbolos para a crise – reificada através de diferentes estratégias linguístico-textuais – por meio do qual esse momento da vida é pensado. Passo a seguir a sumarizar as principais características destas

imagens, procurando destacar as clivagens que apontam para a valorização de padrões individualistas e também para a atualização de valores e posições tradicionais, tais quais a família e a esposa.

1.4 Do lobo bobo à loba poderosa: a produção de imagens etárias.

A imagem da *loba* é marcada pelo ideário da inflexão de prioridades na vida da mulher. Se a temática do corpo e de suas transformações figura como central ao longo das entrevistas reunidas por Lemos, isso se dá por um redimensionamento valorativo. O envelhecimento físico, temido porque descrito pela sua inevitável inexorabilidade, é de alguma forma contornado já que outras qualidades são salientadas como sinais do potencial sedutor feminino. Como nos coloca Featherstone, há uma forte relação entre corpo, sua aparência, e formas como o curso da vida é pensado. Parece ser a ideia de que as transformações do corpo representam mudanças pessoais que se apresenta na insistência do tema do decaimento físico para a caracterização da *loba* – mesmo que isso se dê paranegá-lo. A imagem do olhar que foge do próprio reflexo no espelho para se encontrar com o verdadeiro si mesmo, com a autenticidade que está para aquém da fútil beleza física própria à juventude, é recorrente. A fala de Lemos traduz de forma exemplar essa postura da *loba*, para quem mediações psíquicas^{iv} como terapia ganham destaque:

Minha crise de idade foi um sofrimento real. Foi quando me dei conta de que, com toda terapia, ainda me apoiava muito no exterior, no que estava fora. Não tinha percebido até ali o quanto meu corpo era meu apoio; minha juventude, uma fonte de segurança e um escudo. Na meia-idade, quando o joelho fica plissado, o pescoço enruga, a barriguinha cai por cima do biquíni, a gente se volta pra dentro com mais intensidade, vai buscar lá a auto-estima, o orgulho de si mesma que o corpo não-jovem nos roubou – em função de todo esse mito de juventude a que somos submetidos, sobretudo submetidas. Durante o mergulho temos muito medo: e se encontrarmos nesse indivíduo interior as mesmas rugas que rejeitamos no exterior (...)? (Lemos, 1996, p. 315).

A imagem da *loba* poderosa repete-se em outras publicações e se constituem um balanço entre perdas e ganhos da maturidade: de um lado, biquínis e pele enrijecida e, de outro, maturidade e sedução do olhar. Cito, como exemplo, uma referência logo nas primeiras páginas de *40 Sim! E Daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*, de Andrea Franco, publicado mais de dez anos depois:

Afinal, o que é ser uma mulher de 40 anos? Eu percebi, entre as minhas entrevistadas, que há uma auto-estima grande, algumas se sentem muito melhor do que aos 30 e até do que aos 20. Não há aquele ressentimento de não ter mais o corpinho da juventude. Há uma aceitação consciente, até porque elas estão vivenciando o ‘ser mulher como um todo’, que pensa, que produz, e não apenas um corpo, um bumbum durinho, e isso pode ser um bom exemplo para outras mulheres. Elas passam realmente a imagem de ‘lobas poderosas’ porque se aceitam como são (Franco, 2008, p.26).

A construção da *mulher na idade da loba* pela autoajuda erige duas outras imagens etárias. A mulher da meia-idade está nos interstícios entre a jovem quase escrava de padrões de beleza e a velha, imune a essas demandas: na *idade da loba*, ela deve transformar sua escala de valores e prioridades. A *loba* está entre a jovem bela e inexperiente e a velha quase sem corpo, já que não é para ele que se olha, como se a meia-idade pudesse realmente ser um platô para as próximas etapas da vida. A fala da cabelereira Jaira Safadi Coca, entrevistada por Lemos aos cinquenta e dois anos de idade, é sintomática:

Não é por causa da flacidez ou da ruga que você vai deixar de ser uma pessoa feliz, principalmente numa idade em que os valores vão se invertendo cada vez mais. Não sei se é porque você vai sentindo que a metade da sua vida já passou, mas suas prioridades vão sendo mais internas que externas. A mulher tem que assumir tudo o que é seu, dos cabelos crespos à idade. Só não aceito cabelos grisalhos. A única coisa que uma mulher tem obrigatoriamente que fazer, na minha opinião, é pintar os cabelos quando começam a branquear” (Lemos, 1996, p.238 – 239).

A insistência em elementos interiores diz respeito a essa torção valorativa: a mulher deve construir uma narrativa que positive a experiência de declínio físico através da retórica das outras prioridades e conquistas, da outra vaidade. A juventude é modulada quase como império da futilidade^v, enquanto sobre a velhice sabe-se apenas uma coisa: ela não será como a de suas mães e avós, que foram realmente velhas. São recorrentes

as referências negativas às gerações anteriores, seja pelo ideário das evoluções médicas e tecnológicas atuais, seja pelo incremento contemporâneo à reflexividade. Destaca a fala da fotógrafa Vânia Toledo, entrevistada em *Quarenta* aos quarenta e oito anos:

Eu não serei uma velha como a minha mãe é, ou como a mãe da minha mãe é, inicialmente porque meu espírito de juventude, o meu espírito de força, a minha concepção do que é a velhice não são com certeza iguais aos que elas têm (Lemos, 1996, p. 294).

Essa produção sugere a possibilidade de prolongamento quase eterno da meia-idade, com a valorização dos ideais de independência e auto realização que permeiam as narrativas de maturidade.

Se a “virada da idade” (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994, p.66) feminina é pintada com cores positivas pelo material analisado, o mesmo não se pode dizer sobre a construção da chamada crise da meia-idade masculina. Tanto os livros que se dirigem ao público feminino quanto os que o fazem aos *lobos* em crise fazem menções a um período de forte introspecção, marcado pela possibilidade de decadência. O segundo livro de Mardegan é carregado por uma tensão limítrofe entre as imagens do *lobo* e do *bobo*.

Entre maturidade e infantilização, o homem na crise da meia-idade é pintado como alguém que precisa de atenção e cuidado, já que não consegue lidar com suas emoções. A ideia do homem que se encerra em seu próprio silêncio, em oposição à mulher que prima pelo diálogo, é matéria recorrente no material analisado (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994, p. 109).

A responsabilidade, tão cara à concepção de masculinidade vigente, é apresentada nas primeiras páginas do segundo livro de Margedan. Ainda no Prefácio, do psicoterapeuta Luiz Cuschnir, amigo e coautor de outros livros com Mardegan, temos:

Quando recebi o texto do querido amigo Elyseu, me bateu fundo a bem conhecida responsabilidade (o homem sabe muito bem o peso que isso tem quando é pedido para ele algo que nunca fez, que deseja fazer, atendendo o outro da melhor maneira possível!) (Mardegan, 1997, p. 9).

A fala da decoradora Meire Gomide, entrevistada por Lemos aos quarenta e oito anos de idade, aborda diferenças de gênero acima mencionadas:

Nós mulheres fomos muito mal informadas sobre casamento, nos disseram que o homem sabia tudo, que ele ia nos ensinar as coisas. Ninguém percebeu que o mundo tinha mudado. E o que a nossa geração viu foi que os homens não sabiam nada do que a gente queria aprender, tivemos que ir à luta, aprender sozinhas. Hoje, meu conceito de homem é outro, vejo os homens também frágeis, inseguros, com crises de todo tipo, insônia, precisando da gente. Não tive medo da idade do lobo do meu marido, de ser trocada por duas de 24. Já fui trocada, destracada, não tenho mais medo disso, não. Já passei por tanta coisa, amarguei tanto, que ninguém me tira mais o que aprendi, essa sabedoria é minha. Acho os homens mais bobos do que lobos nessa idade, eles têm um lado mais infantil que o nosso. Não que a gente não tenha necessidade de testar se ainda é sedutora, mas tem mais consciência do impulso, sabe mais o que está sentindo, e portanto sabe melhor o que faz (Lemos, 1996, p. 124).

Se rugas e flacidez operam metonimicamente como sinais da meia-idade feminina, aqui o autor utiliza-se de metáforas para ilustrar a crise. Seu modelo pedagógico de narrativa parece explicar-se pelas razões que levam o homem a enfrentar essa situação. Segundo Mardegan, é a concepção machista de masculinidade vigente que o afasta das suas emoções, que o arrebatam dramaticamente a partir de determinada idade. É preciso ser mais propositivo e cuidadoso com o homem em crise já ele não sabe lidar com essa dimensão de sua vida e pode fugir da situação.

Como já colocado, seu segundo livro surge da repercussão do primeiro, sobretudo através de cartas e relatos de esposas e familiares de homens em crise que teriam adquirido o volume. Em entrevista, o autor disse desconfiar da existência de homens compradores de seus próprios livros: seu primeiro lançamento – e também o segundo – teria chegado aos principais destinatários, homens em crise às portas da maturidade, pelas mãos de habilidosas companheiras. De acordo com suas próprias palavras, “não pegaria bem” um homem, em uma livraria, comprando o livro.

Algumas pesquisas comentam a marca de gênero existente entre autoajuda e seu público. Segundo Rebecca Hazleden, existe uma forte clivagem nas vendas do gênero no mercado anglo-saxão (Hazleden, 2003, p. 425). Para Arlie Hochschild, as vendas se cindem quanto ao tema dos livros: enquanto homens consumiriam volumes voltados à motivação profissional e autopromoção, aqueles mais focados na afetividade teriam naturalizada a figura da leitora (Hochschild, 1994, p. 20). O trabalho de Vera Alves acompanha o raciocínio para o mercado brasileiro:

Em termos quantitativos, na atual realidade brasileira – segundo dados de pesquisa de mercado sobre o perfil do leitor brasileiro – os leitores de auto-ajuda são, em sua maioria, mulheres com mais de quarenta anos de idade, de escolaridade média, e pertencentes às classes B e C. Nos Estados Unidos da América, o mesmo ocorre, pois elas são as grandes consumidoras desta literatura, além de serem muitas vezes consideradas destinatárias das obras (Alves, 2005, p. 22).

Para Cynthia Schrager, isso se deve à conversão deste campo literário em espaço de discussão de problemas femininos fora de contexto feminista (Schrager, 1993, p. 177): aquilo que Hochschild chama de *abdução do feminismo* (Hochschild, 1994).

Provavelmente, por conta dessa dimensão de gênero, o segundo livro de Mardegan carrega um tom de recomendações às parceiras, já que a saída para o momento difícil no homem parece envolver mais posições familiares do que poder de autodesenvolvimento individual, como no caso da *loba*. A crise da meia-idade do homem é uma questão com a qual o casal deve lidar. Em certa medida também desqualificando mulheres mais jovens, potenciais *destruidoras de lares*, é a experiência da *esposa de mais de vinte anos de união* que se sobressai como ponto estável: “Se, nessa fase, atender as necessidades masculinas é vital para a sobrevivência da relação, a mulher tem que abrir-se para a compreensão. E o homem abrir-se ao diálogo” (Mardegan, 1997, p.113).

As dissimetrias ficam evidentes quando o autor refere-se à crise pela qual também estaria passando a parceira do *lobo*:

marido e mulher não raramente seguem direções diametralmente opostas e um não consegue entender as necessidades do outro. O homem atravessa uma fase peculiar, que é a crise da meia-idade. A mulher, também passa por um momento especial, chamada por alguns autores de ‘a síndrome do ninho vazio’. Vendo os filhos criados, já não tão dependentes, ela deseja novas oportunidades na vida que não estejam limitadas pelas paredes de sua casa. Deseja expandir-se para o mundo e resgatar a independência perdida com o casamento (Mardegan, 1997, p. 105).

Se a *mulher na idade da loba* olha para si mesma para descobrir o que há além, o *homem na idade do lobo* é aquele ameaçado pelo que há dentro de si. Se ela valoriza a terapia como meio para descobertas, para ele a família que se sobressai:

uma ajuda profissional, com psicólogo ou psicoterapeuta, pode ajudar, mas o fortalecimento da relação com a esposa e com os filhos, a conquista da harmonia na vida familiar serão as verdadeiras bases deste processo de revisão do qual todos sairão fortalecidos (Mardegan, 1997, p. 122).

Buscando a desconstrução do modelo destrutivo – a saber, aquele que compele o sujeito do sexo masculino a comportar-se de determinada forma – o autor reifica o par da relação conjugal selada pelo matrimônio. E, como essa relação só pode ser heterossexual^{vi}, reifica-se, portanto, o outro polo: o papel da esposa, da mãe – da mulher.

1.5 Considerações Finais: Gênero e Cuidado.

A obra de Hochschild, nome forte da sociologia das emoções, possibilita a compreensão de questões de gênero que permeiam a análise da autoajuda. Em *The Managed Heart*, a autora discute a tendência contemporânea de gerenciamento institucional dos sentimentos. Com uma pesquisa entre comissárias de bordo (boa parte destes postos de trabalho é ocupada por mulheres jovens) e pessoal do departamento de cobrança de uma empresa aérea estadunidense na década de 1970, ela se pergunta: o que acontece quando disposições emocionais dos trabalhadores fazem parte das próprias condições de trabalho? Ao se deparar

com um quadro de crescente alienação emocional como atividade de trabalho de boa parte da população estadunidense, a socióloga nota uma clivagem de gênero: são os postos geralmente preenchidos por trabalhadoras que exigem em maior grau o que ela chama de trabalho emocional^{vii}.

Para Hochschild, a intrincada interface entre ideologia, subjetividade e padrões sentimentais distribui-se socialmente acompanhando hierarquias vigentes (Thoits, 1989, p. 321). Se todos atuam sobre seus estados emocionais, uns o fazem mais que outros (Hochschild, 2003b, p. 56) e as diferenças sociais imprimem suas cores também aí: quanto maior o status social da pessoa, mais suas emoções são levadas em conta; em contraposição, quanto mais subordinada, mais ela é institucionalmente chamada a atuar sobre seus estados emocionais (Hochschild, 2003a, p. 172). Boa parte do seu trabalho busca compreender os custos que esse tipo de demanda social imprime em seus agentes.

É nesse sentido – e levando em conta uma configuração de público *versus* privado – que Hochschild visualiza a mulher como principal responsável pela construção e manutenção do tom emocional da maioria das situações sociais (Hochschild, 2003a:20). Manuais de autoajuda destinados à compreensão e aprimoramento dos relacionamentos afetivos dirigem-se ao público feminino porque essa parece ser a parte que lhes cabe na divisão social do trabalho emocional, enquanto aos homens, relacional e complementarmente, estariam vinculados valores ligados ao mundo das relações comerciais e/ou públicas.

Os autores dos livros analisados acionam, reformulam e reproduzem determinadas expectativas sócioemocionais sobre a vida das pessoas que são atravessadas por diferentes marcadores sociais. Atuando como consultores em um mercado feito de investimentos emocionais, como coloca Hochschild, esses intermediários culturais operam concepções de masculinidade e feminilidade de nossa sociedade: códigos de gênero que associam ao polo feminino o cuidado dos outros e uma postura de vida marcada pela disponibilidade afetivo-emocional.

Retomando a produção específica que venho analisando, a dos livros que contribuíram para a criação discursivamente da crise da meia-idade, com seus sintomas e soluções próprios, há de se dizer que este cuidado marcado pelo gênero faz parte da sua constituição. A infantilização que a alcunha de bobo carrega parece pedir, em contrapartida, atenção, cuidado e disponibilidade da parte da esposa. Colocam-se, para a mulher, as tarefas de compreensão das fragilidades do marido, aceitação de suas atitudes intempestuosas e esforços para o resgate do relacionamento. Parece estar sobre os seus ombros o dever de recuperação do lobo para o seio da família e do casamento – por meio da disponibilidade ao diálogo e apoio. Os riscos da infantilização do *lobo bobo* parecem caber quase todos nas mãos da esposa, que deve cuidar para que isso não aconteça.

Ou, mais generosa e condescendentemente, pode-se dizer que tanto os livros para a *lobo* quanto os para o *lobo* articulam estratégias de empoderamento da mulher: de um lado, por uma via individualizante e, por outro, como uma espécie de guia para o companheiro. De toda forma, o que essa produção parece colocar, assim como Marko Monteiro colocou, é que o (auto)cuidado não é tomado como tema tão óbvio quando se fala em masculinidade como quando é feito para a feminilidade.

1.6 Referências

ALVES, Vera Lucia Pereira (2005). *Receitas Para a Conjugalidade Uma Análise da Literatura de Auto-Ajuda*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em 8 de maio de 2012 de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000374635>.

BASSIT, Ana Zahira(2000). O Curso de Vida como Perspectiva de Análise do Envelhecimento na Pós-Modernidade. In.: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M (orgs.) *Políticas do Corpo e Curso da Vida* (pp. 217 – 234). São Paulo: Sumaré.

BONELLI, Maria da Gloria (2004). Arlie Russell Hochschild e a Sociologia das Emoções, *Cadernos Pagu*22, 357 – 372.

- CASTRO, Talita Pereira de(2009).*Auto-Ajuda e a Reificação da Crise da Meia-Idade*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em 8 de maio de 2012 de<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000472524>.
- DEBERT, Guita Grin (1998). Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In.: DEBERT, Guita Grin (org.) *Antropologia e Velhice, Textos Didáticos 13* (pp. 7 – 27). Campinas: IFCH/Unicamp.
- DEBERT, Guita Grin (1999a). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP.
- DEBERT, Guita Grin (1999b). Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno, *Revista USP* 42, 70 – 83.
- DEBERT, Guita Grin (2004). A Cultura Adulta e a Juventude como Valor, *Kairós* 7(2), 21 – 44.
- DEBERT, Guita Grin (2010). A Dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor, *Horizontes Antropológicos*, 16 (34), 49 – 70.
- FEATHERSTONE, M.& HEPWORTH, M. (2000). Envelhecimento, Tecnologia e o Curso da Vida Incorporado. In.: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). *Políticas do Corpo e Curso da Vida* (pp. 109 – 312). São Paulo: Sumaré.
- FONTES, M. C. O., PEREIRA, M. L. C. & PIMENTEL, R. M. C. (1994). *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- FRANCO, Andrea (2008). *40 Sim! E Daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*. São Paulo: Idéia&Ação/Matrix.
- GIDDENS, Anthony (2002). *Modernidade e Identidade*. Trad.: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- HAZLEDEN, Rebecca (2003). Love Yourself: The Relationships of the Self with Itself in Popular Self-Help Books, *Journal of Sociology* 39(4), 413 – 428.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell (1994). The Commercial Spirit of Intimate Life and the Abduction of Feminism: Signs from Women’s Advice Books, *Theory, Culture & Society* 11, 1 – 24.
- _____ (2003a). *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. Berkley: The University of California Press.
- _____ (2003b). *The Commercialization of Intimate Life: Notes from Home and Work*. Berkley, Los Angeles & London: The University of California Press.
- LEMOS, Regina (1996). *Quarenta: A Idade da Loba*. São Paulo: Globo.
- MARDEGAN, Elyseu, Jr. (1994). *A Idade do Lobo*. São Paulo: Mercuryo.
- MARDEGAN, Elyseu, Jr. (1997). *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*. São Paulo: Mercuryo.
- MONTEIRO, Marko(2001). Corpo e Masculinidade na Revista *Vip Exame*, *Cadernos Pagu* 16, 235 – 266.
- PISCITELLI, Adriana (2008). Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras, *Sociedade & Cultura* 11(2), 263 – 274.
- REIS, Léa Maria Aarão (1999). *50/60 Anos. Além da Idade do Lobo: A Vitalidade da Segunda Juventude*. Rio de Janeiro, Campus.

- ROSE, Nikolas (1998). Governando a Alma: A Formação do Eu Privado. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org) *Liberdades Reguladas: A Pedagogia Construtivista e Outras Formas de Governo do Eu* (pp. 30 – 45). Petrópolis: Vozes.
- SALEM, Tania (1992). *Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS.
- SCHRAGER, Cynthia D. (1993). Questioning the Promise of Self-Help: a Reading of *Women Who Love Too Much*, *Feminist Studies* 19(1), 177 – 192.
- STEINBERG, R. J. & FIGART, D. M. (1999). Emotional Labor Since *The Managed Heart*, *Annals of The American Academy of Political and Social Sciences* 561, 8 – 26.
- THOITS, Peggy (1989). The Sociology of Emotions, *Annual Review of Sociology* 15, 317 – 342.
- ZELIZER, Viviana (2005). *The Purchase of Intimacy*. Princeton & Oxford: The Princeton University Press.

ⁱAs reflexões sintetizam resultados da minha pesquisa de mestrado em antropologia social, *Auto-Ajuda e a Reificação da Crise da Meia-Idade*, de 2009, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil, sob a orientação de Guita Grin Debert, com financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Meu trabalho versou sobre a crise da meia-idade como uma produção discursiva em livros de autoajuda brasileiros. Não realizei uma pesquisa de recepção: o foco esteve especificamente no conteúdo dos livros e em entrevistas e com autores.

ⁱⁱDebert faz referência a estas temporalidades, tomando-as como diferentes sensibilidades em relação aos processos de envelhecimento na história da sociedade ocidental (Debert, 1999b, p. 73).

ⁱⁱⁱDiversidade e desigualdade são duas possibilidades para se pensar a diferença como uma categoria analítica (Piscitelli, 2008).

^{iv}A relação entre a autoajuda e as disciplinas psis é questão em debate tanto entre quem toma essa produção cultural como objeto de análise quanto entre autores. Dados os limites deste trabalho, reservo-me a apenas indicar meu posicionamento: a ideia de subjetividade com a qual os livros em questão trabalham parece prescindir da naturalização do discurso psi como verdade (Rose, 1998). Para outras posições no debate, ver Alves (2005) e Salem (1992).

^vComo coloca um dos entrevistados de Léa Maria Aarão Reis em *50/60 Anos. Além da Idade do Lobo: A Vitalidade da Segunda Juventude*: “A mulher mais jovem atual tem a adorável juventude mas não parece ter o mesmo fogo interior que sinto nas minhas companheiras de idade. Elas – as mais novas – me parecem mais passivas, mais fúteis, menos informadas, menos ligadas ao mundo, enfim: menos cidadãs!” (Reis, 1999, p. 27).

^{vi}São poucas as referências a possibilidades de relacionamento homoafetivo no material analisado; e Alves e Hochschild (1994) também alertam para esta tendência.

^{vii}*Emotional labor*, no original. Hochschild fala ainda do *emotional work* e a diferença entre os dois parece estar nos fins aos quais se presta esse gerenciamento profundo das emoções, tomando como base uma polaridade típico-ideal entre público e privado: o primeiro tem a ver com os interesses comerciais, ligados a capacidades profissionais e rendimento salarial, enquanto o segundo encaixa-se em exigências interpessoais da ordem dos relacionamentos afetivos (Steinberg & Figgart, 1999, p. 24). Para uma problematização da distinção comercial *versus* afetivo e/ou doméstico, ver Zelizer (2005).